

# Alucinação, sexualidade e experiências alucinógenas: a construção da subjetividade contemporânea em Black Hole

*Hallucination, sexuality, and alucinogenous experience: the construction of the contemporary subjectivity in Black Hole*

Siva, Fabio Luiz Carneiro Mourilhe; Mestre em Design; PUC-Rio  
funkstroke@yahoo.com

Baptista, Carlos Eugênio; Mestre em Comunicação e Cultura; Universidade Estadual de Santa Cruz  
carlospatati@gmail.com

## Resumo

Neste trabalho, foi utilizado um método comparativo analítico, tendo como foco a série 'Black Hole', do quadrinhista Charles Burns. De início, foi realizada uma leitura geral do trabalho para verificar quais seriam os aspectos mais relevantes a serem estudados. Assim, foram encontrados temas de interesse como a questão da sexualidade e dos alucinógenos como formas de construção de um novo tipo de subjetividade no âmbito da adolescência. Foram realizadas pesquisas bibliográficas sobre os temas relacionados para viabilizar uma discussão dentro deste foco, procurando comparar questões teóricas com aquelas encontradas na hq. Em 'Black Hole', são assumidos os defeitos e estigmas como sinalização da entrada em cena de um jogo de sedução e prazer onde não existem tratamentos ou curas, apenas um destino incerto.

**Palavras-chave:** Histórias em quadrinhos, Charles Burns, Sexualidade, Terror

## Abstract

*In this paper, a comparative analytical method was used, with a focus on the series 'Black Hole' from the comic author Charles Burns. Initially, it was accomplished general reading of the work to check which would be the most relevant aspects to be studied. Thus, there were found topics of interest such as the sexuality and hallucinogens issues as modes of construction of a new kind of subjectivity in the context of adolescence. There were also conducted bibliographic researches on issues related to achieving a discussion within this focus, seeking to compare theoretical issues with those found in the comic-book. In 'Black Hole', the defects and stigmas are assumed as a symptom of a game of seduction and pleasure where there are no treatments or cures, only one uncertain destiny.*

**Keywords:** Comic books, Charles Burns, Sexuality, Terror

**Anais do 8º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design**

8 a 11 de outubro de 2008 São Paulo – SP Brasil ISBN 978-85-60186-03-7

©2008 Associação de Ensino e Pesquisa de Nível Superior de Design do Brasil (AEND|Brasil)

Reprodução permitida, para uso sem fins comerciais, desde que seja citada a fonte.

Este documento foi publicado exatamente como fornecido pelo(s) autor(es), o(s) qual(is) se responsabiliza(m) pela totalidade de seu conteúdo.

## Introdução

Charles Burns, a partir de um viés de terror e romance, desenvolveu por mais de dez anos um trabalho que resultou em mais dúvidas do que respostas, porém com a materialização de uma narrativa gráfica que confirma sua capacidade de criação e sugere uma série de discussões. Uma delas é a transição de seu traço a início derivado do humorismo para algo mais realista, sem abrir mão do rigor de definição de imagens que configurou sua singularidade no âmbito dos autores norte-americanos.

## Trajectoria

Por influência de seu pai, um oceanógrafo que trabalhou para o governo, Burns teve contato com os quadrinhos antes mesmo de aprender a ler. Porém, cresceu em uma época em que a repressão aos quadrinhos da década de 1950 ainda se fazia presente, com os quadrinhos considerados perigosos, especialmente os de terror.

Na sua juventude, as histórias de Bill Elder para a revista Mad, e o resto do material da EC Comics são citadas como influência. Mais tarde, sofreu influências óbvias dos quadrinhos underground e áreas exteriores como a psicodelia, a pop art e a xilografia japonesa (Burns, 1992).

No final da década de 1970, Burns terminou a universidade em Evergreen, onde já desenvolvia pequenas histórias e seqüências de fotos com um caráter narrativo, para o jornal da universidade.

Sua carreira nos quadrinhos começou em 1981 no terceiro número da revista Raw, onde publicou diversos trabalhos até 1991. Em 1983, começou a publicar 'El Borbah' na Heavy Metal. Entre 1984 e 1986, viveu na Itália, onde pode distribuir seu trabalho por revistas da Europa como Frigidaire (Itália), El Vibora (Espanha), Schwermetall (Alemanha) e Métal Hurlant (França). Sua tira Dog Boy ganhou versão na MTV a partir de 1993, ano em que também começou a produzir a série 'Black Hole', que durou até 2005, depois publicada em edição única pela Pantheon Books.

## 'Black Hole'

'Black Hole' é uma hq que alterna amor e horror para falar da sexualidade<sup>1</sup> adolescente em sua versão americana, tão imitada mundo afora a partir da indústria cultural. As metáforas visuais e narrativas, articuladas com fantasias sexuais diversas, estão presentes em toda a ação da hq. Retrata-se uma época quando se tem sensações intensas, consolidadas com a aproximação física, nesse caso, afinada tanto à estranheza do sexo quanto à sua atração. Acompanhamos as trajetórias de jovens que atravessam modificações onde já existe sexo como finalidade e significação, fetichismo e eventualmente inadequação biológica, e elas são o trampolim do trabalho de Burns.

A adolescência é vista tipicamente como um período de transição entre a infância e a vida adulta. Durante este período, os adolescentes alcançam maturidade física e sexual. Estas mudanças biológicas, cognitivas e psico-sociais coincidem com a puberdade e na hq estão, pela via da doença, caracterizadas. Incluem o aprendizado e gerenciamento do desejo sexual com novas formas de intimidade, autonomia e relacionamento interpessoal, que podem levar a comportamentos de risco. A puberdade traz com ela uma série de emoções, como excitação e medo, prazer e horror, devido à rapidez com que ocorrem estas mudanças e as alterações radicais no corpo (Brooks-Gunn & Paikoff, 1993). Em 'Black Hole', estas modificações da puberdade são apresentadas como modificações físicas extremas.

---

<sup>1</sup> Foucault (1976) define sexualidade como o conjunto dos efeitos produzidos nos corpos, nos comportamentos e nas relações sociais por um certo dispositivo pertencente a uma tecnologia política complexa.

A experiência do adolescente é articulada num contexto sócio-cultural amplo. Na década de 1980, mudanças na família americana impactaram no mundo social dos adolescentes. Estas mudanças, segundo Perry et al (1993), incluíram percentuais altos de divórcio e mães assumindo a paternidade sozinhas. Isso levou a um aumento do tempo em que as crianças passavam sem a supervisão de adultos, aumentando as oportunidades de contato com as drogas e relacionamento sexual. Para tentar resolver problemas familiares, muitas vezes a solução para os adolescentes foi fugir da casa dos pais e se refugiar em algum lugar secreto com a convivência de algum grupo externo.

Nossa época se caracteriza por uma 'dispersão de sexualidades' (Foucault, 1976) com ênfase em suas formas absurdas, prazeres estranhos e extravagâncias sexuais que se sobrepõe ao patológico. Contudo, segundo Foucault (1976), quando esta sexualidade passa a se manifestar como lesão, disfunção ou sintoma, o patológico é preponderante. Porém, em 'Black Hole', como na tradição do naturalismo literário, não são propostos tratamentos ou curas. Apresenta-se a possibilidade da plenitude do corpo com consciência de seus estigmas, feridas no próprio corpo, ou então a negação total de sua condição atual e do próprio corpo.

Em 'Black Hole', são examinados assim os medos e confusões da adolescência, suas tentativas de assumir uma postura 'adulta' e suas relações com drogas, sexo, independência. Surge uma doença, canal para que Burns realize graficamente as deformações que seu olhar criativo imprime às faces desses seres transitivos, os adolescentes. A doença, chamada de 'the bug', foi retratada em uma hq anterior como 'teen plague'. Materializada em mutações físicas, como, por exemplo, o rabo de Eliza e a boca extra no pescoço de Rob, está associada a uma certa marginalidade, 'de repente, somos alvo de todas as piadas na cidade' (número 9); resultados mortais com o falecimento de quase todos os personagens; e uma fácil disseminação: 'Viu como foi fácil? É tudo o que é preciso.. apenas um pouco de cuspe, alguma saliva... e você é um de nós' (número 11). Parece não haver na hq uma preocupação da sociedade com a disseminação da doença, talvez considerada como um processo natural. Existem também fusões de elementos da cena com os corpos dos personagens e uma fusão de elementos do passado e do futuro que mostram implicações emocionais da doença.

De acordo com Brooks-Gunn & Paikoff (1993), em 1991 uma pesquisa do congresso americano apontava a adolescência como a idade com maior índice de doenças sexualmente transmissíveis. Com a AIDS, passou a ser utilizada a camisinha com mais frequência, mas não sempre. Em 'Black Hole' número dois temos um descompromisso quanto ao uso da camisinha.

A figura dos pais está muito menos presente do que em 'Big Baby', uma hq mais antiga e mais curta do mesmo autor. Nela, os adultos são tratados da mesma forma que em 'Black Hole', como ameaças, e assumem uma postura de vigília. O traço sublinha isso, pois caricatura os personagens num registro entre o humor e o terror. Em 'Black Hole', isso acontece mais sutilmente, pois Burns dispôs de mais espaço e tempo. Há a criação de uma espécie de sociedade secreta por parte dos adolescentes para proteger seus sentimentos da crítica dos adultos, no mato onde eles se encontram após fugirem da casa dos pais. Trata-se de um evento que acontece mais devagar e é retratado de modo aparentemente mais realista.

## Detalhes das edições

No número um de 'Black Hole', temos o personagem principal em um estado de transe ao dissecar um sapo, sugerindo a possibilidade de algum tipo de previsão ou viagem alucinógena com o corte do sapo mostrando uma semelhança visual a uma entrada vaginal e buracos no pé e nas costas que aparecem mais tarde nos personagens, o Buraco Negro ('Black Hole').

No livro “The Joy of sex”, de Confort, a vulva é vista como um não pênis e um buraco negro que pode engolir uma porção vital da sexualidade masculina e roubar sua potência. ‘A vulva é um elemento assustador para todos, pois parece uma ferida castrada que sangra regularmente, engole o pênis e pode até morder’ (Confort apud Lindquist, 2002) ou conforme Baudrillard (1976) o ‘lado neutro, a abertura indeterminada, uma sexualidade móvel e difusa’.

A experiência alucinógena do começo da hq tem semelhanças à experiência com peiote narrada por Rouhier (1972), considerada por ele como embriaguez divina, que resulta em visões distintas correspondentes a ‘visões de objetos, de figuras e de cenas estilizadas e poetizadas, um pouco deformadas, que são familiares ao observador ou que são conhecidas e pertencem a seu fundo de memória consciente. Dependem de ocupações habituais e são provocadas por visões latentes’.

No segundo número, na capa já está presente uma mistura entre sexualidade e alucinação, pois apresenta uma imagem dúbia, onde o sutiã da personagem de cabeça para baixo parece os olhos de uma criatura estranha. Nas primeiras páginas é frisada a transformação e conjunções simbólicas associadas à deformação física.

Os personagens Chris e Rob têm uma relação sexual no cemitério, para compor uma grande ironia: uma relação que traz a vida no meio de milhares de mortos. Existe toda uma ambientação do cenário, como nuvens, lua cheia e sombras pronunciadas, que faz uma alusão ao mistério e o horror, para mostrar, na verdade, uma deformação de Rob que estava oculta, uma segunda boca no pescoço. Se esta segunda boca for um sintoma de alguma doença transmissível sexualmente, Rob certamente terá contaminado Chris, pois ele não estava usando camisinha, e ela desconfia que ‘poderá ter contraído o Bug ou ter ficado grávida’, inclusive com o atraso de sua menstruação. Porém, a materialização de algum sintoma só será percebido quando ela mergulha no rio apenas com roupas íntimas, uma marca escura ao longo de toda sua coluna vertebral. Seria um buraco prestes a se abrir? Seria um efeito de sua pele antes de se desprender do corpo? Depois, é revelada a amplitude da forma de contágio, que pode ser transmitida, além do contato sexual, apenas por um contato entre a saliva das bocas.

No número três, ao ter relações sexuais com outra namorada que também já começou a sofrer mutações, Rob é traído por sua boca no pescoço que denuncia sua relação com Chris perguntando ‘Who is Chris?’. Aqui, temos uma exteriorização de sentimentos secretos que também acontecem em função dos delírios, provocados ou não por drogas, em diversas partes da hq. Assim temos semelhanças com o esquizofrênico, para quem ‘o inconsciente é consciente’ (Feichel apud Bettelheim, 1954), com uma facilidade maior para exteriorização de seus sentimentos.

Após Chris ter mergulhado apenas com roupas íntimas no rio, agora ela encontra com Chris e se corta no meio do pé com um grande caco de vidro. O corte tem a mesma forma da boca do pescoço de Rob.

No número quatro, ficam claras as referências aos romances de Burroughs, como ‘Junkie’, onde o envolvimento com drogas e traficantes é preponderante.

No meio da estória, Keith é seduzido por Liz, moça com uma cauda, em um processo onde o estranhamento e o exótico exercem um papel importante ‘em termos de jogo, de desafio, de relações duais e de estratégia das aparências’ (Baudrillard, 1976), o jogo da sedução.

O trabalho de Liz, pinturas, desenhos e esculturas, retrata as características físicas e alucinações presentes no imaginário dos jovens de Black Hole.

No número cinco, percebe-se a discriminação dos infectados. A partir do momento que a deformação visível de Chris se faz presente aos olhos de todos, existe um preconceito por parte dos colegas. As marcas na coluna de Chris se desenvolvem, se transformam em

buracos e por fim ela tira toda sua pele, que já tinha aparecido solta e perdida na floresta no primeiro número.

Chris e Rob, dois portadores do ‘Bug’, demonstram a aceitação mútua de suas diferenças. Chris, por exemplo, faz questão de beijar a boca de extra de Rob.

Nos delírios de Chris deste número, temos visões que se assemelham a outros tipos de experiência com peiote, onde

“não temos recordações precisas. Os elementos que as compõem vem de aquisições sensoriais e cerebrais retidas pela memória consciente ou inconsciente, mas estão agrupadas arbitrariamente pela imaginação inconsciente, sem intervenção da faculdade lógica de associação e segundo uma ordem que às vezes atinge o fantástico mais exagerado” (Rouhier, 1972).

No número seis, o consumo de outra droga é introduzida na estória, o LSD. Contudo, inicialmente, não é representada graficamente a experiência alucinógena e sim a realidade com os comentários de Keith que mostram quais são as modificações percebidas no ambiente com o uso da droga.

LSD, segundo Burroughs (1972) é uma das drogas que alarga o campo da consciência do indivíduo e aumenta a intensidade de sua percepção do ambiente e dos processos fisiológicos, de forma agradável ou desagradável. No decorrer da estória, ao caminhar na rua, a perspectiva passa a ser representada com distorções, o chão perde a estabilidade até Keith cair no chão.

Depois ele encontra um braço decepado no meio do caminho e encontra outros infectados com o ‘Bug’ em volta de uma fogueira. Aparentemente, até agora ele não foi contaminado com o ‘Bug’.

O número sete começa em um clima romântico com Rob e Chris em uma praia deserta. Ao tirar a roupa, percebe-se que Chris não tem mais um buraco na coluna. Este parece ter sumido junto à segunda pele arrancada. Com a perda desta segunda pele, Chris se apresenta mais simpática e alegre, além de aceitar seu problema com mais naturalidade.

No final do dia, a segunda boca de Rob murmura um presságio que inquieta Chris: ‘It’s impossible... Never make it out alive... It won’t work’; aparentemente, se refere ao relacionamento do casal ou à vida dos infectados.

No número oito, Keith volta a encontrar Liz, personagem com uma cauda, que se encontra sozinha e deprimida. Todos os seus desenhos e objetos foram guardados, pois ela ‘não aguenta mais eles’. Aqui, temos uma reação inversa a de Chris com um repúdio a sua própria condição, pois os desenhos e esculturas retratam a sua mutação. Na porta de seu quarto, está escrito *Lizard Queen*, apelido dado pelos colegas como alusão a um rabo de lagarto. Nos números seguintes, Liz explica que os desenhos e ela mesma estavam sendo molestados pelos outros ocupantes da casa, por isso os escondeu. Keith acaba sendo seduzido por Liz e tem relações sexuais com ela, aparentemente sem saber que ela está infectada com o ‘Bug’. O aspecto fálico do rabo de Liz é frisado quando Keith, ao efetuar o coito anal, o acaricia como se o estivesse masturbando.

Na segunda parte da hq, o foco se volta para Chris e Rob, que estão acampados na floresta. Após deixar Chris no acampamento, Rob é abordado por um ser deformado, provavelmente pelo ‘Bug’, que o espanca até matá-lo. Sua segunda boca pede desculpas a Chris, provavelmente por abandoná-la na floresta. Aqui, temos uma referência clara aos temas retratados pela EC Comics na década de 1950, violência e horror.

Nos últimos números, personagens como Chris e Keith, que antes apareciam isolados, passam a contracenar.

Chris apresenta um grande conflito após o desaparecimento de Rob. Ela sabe que está infectada, já teve sintomas característicos, vive no meio de outros portadores, mas aparentemente é uma pessoa normal. Assim, ela começa a portar uma arma que herdou de Rob. A partir do momento que é introduzida esta arma na hq, sugestões de assassinato e suicídio passam a estar mais presentes. Com a arma, diversos personagens são mortos a tiro por Dave, que, com o pretexto de protegê-la, mata todos.

Keith descobre que a pele de Chris está saindo novamente e também começa a apresentar suas próprias mutações, saliências em volta das costelas. Tentou arrancá-las e colocou remédio para verruga, mas elas voltavam e se desenvolveram em pequenos rabos semelhantes a caudas de girinos.

Com as diversas questões sem resposta lançadas em 'Black Hole' e, ao mesmo tempo, um turbilhão de símbolos misturados em visões alucinógenas, sonhos ou lembranças, temos uma tentativa de retratar o inconsciente, um mistério 'que decididamente não quer ser dito e que, como enigma, possui sua própria resolução' (Baudrillard, 1976).

## Conclusão

Em 'Black Hole', fica caracterizada a intensidade das sensações dos personagens em uma fase da vida em que as emoções já são naturalmente exacerbadas e as relações entre uma mutação bizarra presente e aquelas mudanças experimentadas pelos adolescentes na puberdade. Este caráter exagerado talvez possa ser encarado como a própria percepção do jovem perante estas mudanças, o que muitas vezes exige uma carência afetiva, que nem sempre é correspondida por parte da família, gerando uma necessidade de refúgio extrafamiliar. Contudo, pode-se questionar a estrutura familiar precária, que pode comprometer, em certos casos, o desenvolvimento do adolescente.

A falta de preocupação quanto à disseminação da doença parece levantar um descompromisso com a destruição da vida e da própria espécie, tanto no sexo sem segurança, como no cuspe na boca alheia. De forma desmazelada, a adolescência, vivida como monstruosidade, é desmedida, não mede conseqüências.

Apesar da impressão inicial de 'Black Hole' estar relacionado especificamente com a sexualidade, de uma forma geral percebe-se o caráter amplo que o conceito pode assumir, tanto como algo assustador, neutro ou apaixonado, conforme as variações materiais utilizadas para representá-lo no começo das páginas iniciais de cada revista. Ela aqui é usada como metáfora da singularidade, da diferença.

A utilização de quadros ondulados em situações diferentes do momento presente, aproxima lembranças, alucinações, inconsciência e sonho, em uma narrativa onde os estados mentais se confundem e se sobrepõem.

Pode-se discutir as questões levantadas neste trabalho quanto ao desabrochar da sexualidade, da libido e da sedução. Seriam formas monstruosas para quem não os conhece, da mesma forma que nas diferenças gritantes entre a lagarta e a borboleta? A troca de pele de Chris, que ocorre três vezes, pode significar uma mudança profunda, talvez não tão aparente neste caso, relacionado à emancipação do desejo e à quebra dos limites de poder da estrutura familiar à qual ela não mais pertence e na qual não mais se insere.

Aqui, são assumidos os defeitos e estigmas como condição natural para viabilizar a entrada na vida adulta, um destino incerto que acaba por se impor a todos.

Um comportamento sexual não convencional até o fim do século XIX era considerado como uma prática próxima da loucura e previa-se que seus descendentes seriam criaturas deformadas (Foucault, 1976). Com a liberação do inconsciente dos preceitos da lógica e da razão através do uso de drogas, temos a loucura muito mais presente no nosso cotidiano, com o sexo atuando, agora, como forma de enxugar os exageros em um jogo de sedução a partir do

qual, por outro lado, é possível transmitir doenças e gerar aberrações tanto nos corpos presentes como em seus descendentes, de forma semelhante ao que se concebia no passado. Assim, em 'Black Hole', as doenças sexualmente transmissíveis e todas as liberações culturais e sociais trazem novas formas de limites, as aberrações monstruosas.

Tal como o escritor naturalista, para Burns o que interessa é mostrar os sintomas de uma doença no corpo da sociedade. Do ponto de vista de seu argumento, isto está suficientemente claro. Além disso, cabe assinalar aqui a evolução realista de seu traço, um realismo sem dúvida naturalista. Nos trabalhos anteriores, e mais curtos, desse singular quadrinhista, o traço de humor interagiu com o realismo, e sua arte-final rigorosa sublinhava tal característica ambígua com muita exatidão. A cada hq, tratava-se de personagens deformados segundo óticas distintas. Em 'Black Hole', todavia, seu traço caricatura menos. Também distorce mais, e com mais detalhe, nos momentos das manifestações sintomáticas da doença, e/ou da distorção perceptiva por que os personagens passam, de acordo com seu estado de espírito. Materializa uma evolução gráfico-narrativa rigorosa, da parte desse quadrinhista de exceção, que sintomaticamente permaneceu no controle de seu projeto inteiro.

## Referências bibliográficas

Baudrillard, J., **Da Sedução**, Campinas: Papirus Editora, 2004 (1979)

Bettelheim, B., **Symbolic Wounds**, New York: The Free Press, 1954.

Brooks-Gunn, J., Paikoff, R., Sex is a gamble, kissing is a game: Adolescent sexuality and health promotion, In: **Promoting the Health of adolescents: New directions for the Twenty-first century**, edited by Millstein, S., Petersen, A., and Nightingale, E., New York: Academic Press, 1993.

Burns, C., Interview by Darcy Sullivan, **The Comics Journal**, no. 148, Fantagraphics, 1992.

Burroughs, W., Alguns pontos de distinção, In.: **Mandala: A experiência alucinógena**. Rio de Janeiro; Ed. Civilização Brasileira. 1972.

Foucault, M., **História da sexualidade: A vontade de saber**, São Paulo: Edições Graal, 1988 (1976).

Lindquist, C., Add Penis and Stir: a cookbook approach to gender identity, In: **Gendered Sexualities** volume 6, edited by Patricia Gané e Richard Tewksbury, Oxford: Elsevier, 2002.

Perry, C., Kelder, S., Komro, K., The social world of adolescents: Family, peers, schools, and the community, In: **Promoting the Health of adolescents: New directions for the Twenty-first century**, edited by Millstein, S., Petersen, A., and Nightingale, E., New York: Academic Press, 1993.

Rouhier, A., A Embriaguez Peiótica, In.: **Mandala: A experiência alucinógena**. Rio de Janeiro; Ed. Civilização Brasileira. 1972.